

ORA

aos sulcos da terra

aos sulcos da terra

Ao reunir 15 artistas a partir de afinidades estilísticas e notar, nessa composição, a ausência de homens cisgêneros, há a intenção de reforçar as disputas de identidade de gênero intrínsecas ao campo artístico. Assumindo a abstração como tônica, a exposição permite observar como sua recepção se aproxima do reconhecimento atribuído às artistas que a produzem. Difícil apreensão, esvaziamento formal, intenções inexprimíveis e ausência de rigor foram leituras com frequência direcionadas a trabalhos incompreendidos sob a hegemonia figurativa canônica. Historicamente, o abstrato confluiu de forma cíclica com buscas por grandes mudanças comportamentais e culturais, entre elas a ampliação do lugar artístico ocupado pelas “mulheridades”¹.

A arte, atrelada aos moldes e limites sociais de seu tempo, não se separa da conjuntura que a produz. Griselda Pollock alega que, na lógica interna da obra, “as características particulares não são causadas por estruturas ou organizações econômicas”², o que permite compreender que as subjetividades contidas em cada obra são cultivadas dentro de contextos específicos, sem que sejam reduzidas unicamente a eles. Esse vínculo pode ser exemplificado pelas diversas irrupções abstracionistas registradas durante o século 20, hoje entendidas como uma simultaneidade

de projetos com disparadores comuns. No caso do abstracionismo, muito se discorreu sobre sua proximidade com experiências bélicas. Na Europa, essa relação aparece na perspectiva aérea, fotografada a partir de dirigíveis, que incidiu na representação de uma paisagem sem horizonte, embaralhada e achatada.

Na América Latina, essa visualidade encontra correspondência estratégica³ nas produções desenvolvidas a contrapelo das rigidezes instauradas nos Estados, especialmente no Brasil, durante o Estado Novo e a ditadura militar. Nesse cenário, observa-se uma presença relativamente expressiva de “mulheridades” constituindo distintos graus de circulação⁴, quando contextos autoritários viviam transições políticas que impactavam a passagem da vivência privada para a pública, em um processo relacionado à inserção feminina no espaço de trabalho e na política, como a reordenação das relações no lar⁵.

Não distante dessa estrutura, cabe olhar para a arte produzida hoje e inferir, pelas temáticas, formas e representações, uma negociação material e simbólica imposta a mulheres, pessoas trans e não binárias. Esse processo incide sobre o acesso ao trabalho, a remuneração, a disponibilidade, a divisão do cuidado, as condições

de produção e as possibilidades de permanência nesse sistema. No plano institucional, mercadológico e acadêmico, há ainda um descompasso: revisita-se o passado para reparar a ausência de outras protagonistas, enquanto persiste a rejeição sistemática daquelas que, hoje, se apresentam diante das oportunidades.

Por esse motivo, a exposição aos sulcos da terra apresenta artistas de nomes consolidados, como Tomie Ohtake, Liuba Wolf, Anna Maria Maiolino e Iole de Freitas, em contato com obras desenvolvidas nos últimos dez anos pelas artistas Eva Le Campion, Mavi Accorsi, Gi Monteiro, Marlan Cotrim, Diana Motta, Amorí, Amanda Fahur, Isabê, Lucia Koranyi, Luara Macari e Selva de Carvalho. Ainda que as artistas incorporem linguagens tradicionais, como a pintura e a escultura, a intenção de se debruçar sobre uma não fragmentação dentro e apesar do registro historiográfico orientado para o cânone é usar parte de sua legitimação, de modo que cada composição se desvie do centro, confunda primeiro plano e fundo, retire a própria gravidade e confira corpos e formas pulverizados, dissolvidos por uma libertação do mimético, não a ponto de anular os estratos sociais que interditaram e inviabilizaram suas trajetórias, mas de correlatar sua realidade ontológica à condição estética – à vasta

experimentação entre hermetismo e ancestralidade, à transparência das sensações oscilantes entre o interior e o exterior.

Em aos sulcos da terra, essa leitura se toma presente por meio da terra como metáfora; do elemento essencial à paisagem, por ser onde se planta, se come, se caminha e se orienta, e também aquilo de que se cerca, se acoberta e se violenta. Quando o olhar se volta ao solo, aprofundam o chão em que estão a pisar e a territorialidade simultânea de suas criações. Seus sulcos – sinais ou cicatrizes – se assemelham às marcas deixadas pelas construções de gênero e pelas tecnologias sociais por elas desenvolvidas e instrumentalizadas para responder às suas imposições. Inclusive, as obras apresentadas induzem a perguntas comuns, feitas também pelas artistas às suas antecessoras, agora respondidas por outras soluções, conferindo continuidades umas às outras, de modo que as qualidades coletivas se sustentem pelo aperfeiçoamento prático e subjetivo de suas pesquisas e encontrem nos sulcos a irrefutabilidade: aparecem, desaparecem, retornam e permanecem.

Notas

¹ O termo é usado para compatibilizar ao léxico contemporâneo produções concebidas na esfera da identidade queer e nas temáticas, técnicas e materialidades secularmente designadas “às mulheres”, não sendo essas pautadas biologicamente e sim entendidas aqui simbolicamente como a binaridade imposta pelo protagonismo masculino cisgênero para contrastar aos outros gêneros.

² POLLOCK, Griselda. “Vision, voice and power”. In: *Vision and Difference. Feminism, Femininity and the Histories of Art*. UK: Routledge, 2003, p. 41.

³ Termo usado por Giunta equivalente ao essencialismo estratégico de Gayatri Spivak, no capítulo “3 – Abstrações Simultâneas. Narsreen Mohamedi e a abstração brasileira: leituras modernas, decoloniais e comparativas”. GIUNTA, Andrea. *Contra o Cânone: Arte Contemporânea em um Mundo sem Centro*. Tradução de Eleonora Frenkel. Florianópolis: Editora Nave, 2022, publishDate, 2024, p. 116.

⁴ Entre elas, as nascidas ou naturalizadas brasileiras, nomes como Maria Martins, Maria Leontina, Inah D’Ávila Costa, Mira Schendel, Fayga Ostrower, Lygia Clark e Lygia Pape, que viveram o Estado Novo e a ditadura militar.

⁵ TRIZOLI, Talita. “Atravessamentos feministas: um panorama de mulheres artistas no Brasil dos anos 60/70”. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-03122018-121223/>.

Amanda Fahur

Amori

Anna Maria Maiolino

Diana Motta

Eva Le Campion

Gi Monteiro

Iole de Freitas

Isabê

Liuba Wolf

Luara Macari

Lucia Koranyi

Marlan Cotrim

Mavi Accorsi

Selva de Carvalho

Tomie Ohtake

amanda fahur



Amanda Fahur (1998), dedica-se à pintura, desenho, escultura e a pesquisa sobre o universo da abstração das formas orgânicas e dos sistemas oníricos. A sua prática flui entre controle e automatismo, com influência de elementos da pintura metafísica e do surrealismo. Possui obras nas coleções públicas da Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP); Gabinete de Estampas: Departamento de desenhos e gravuras da UNICAMP, e Museu Municipal Dr. Hélenon Borba Côrtes. Participou da residência artística Domo Domo, ocupando estúdio na casa Gaetano Miani, do arquiteto Paulo Mendes da Rocha (2024); foi premiada pela Lei Paulo Gustavo de Desenvolvimento Artístico a nível municipal (2024), e participou de exposições como: 53º Salão de Arte Contemporânea Luiz Sacilotto (2026), Conceder às constelações que nos habitam o direito de sonhar em liberdade (2025), Raízes do tempo (2024), Mesmo estando separados (2023), 1º Circuito DOBRA de Arte Contemporânea (2022) e 17º Salão de Artes Visuais de Ubatuba (2021). Ainda, é Mestra em Teoria e História da Arquitetura pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU/USP), na linha de pesquisa "Cidade, arte e cultura", e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Espacialidades Contemporâneas (NEC/USP), no eixo "Imagem, espaço e paisagem urbana".





Amanda Fatur

complicadas conexões de algodão, 2025

óleo sobre tela

30 x 40 cm



amorí



Amorí (1995) é artista da Zona da Mata Sul de Pernambuco e vive no Recife há 12 anos. Em sua prática transdisciplinar, investiga a repetição de formas que atravessam paisagens da memória e universos ficcionais. Trabalha com escultura e pintura a partir de materiais como látex, ferro e cerâmica, criando um repertório simbólico entre o vivido e o imaginado. Em 2024, realizou sua primeira exposição individual, à medida que as estrelas colapsam, na Torre Malakoff, no Recife, com curadoria de Guilherme Moraes. Participou também da mostra coletiva Além-vista, na Casa Gabriel, em São Paulo, com curadoria da Kura.



Amorí

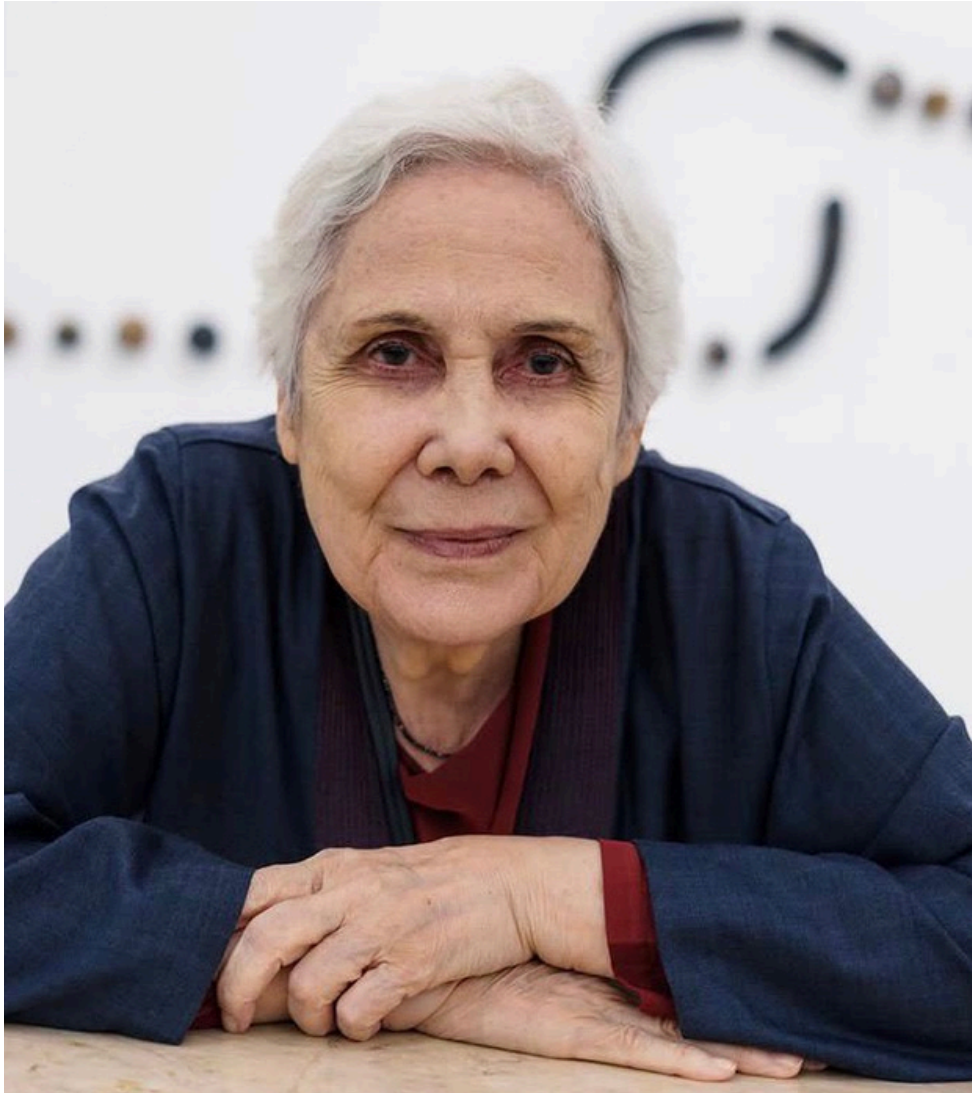
Queda das estrelas 2, 2025

escultura de madeira, latéx, estopa de algodão, ferro e couro

Dimensões variadas



anna maria maiolino



Anna Maria Maiolino (Scalea, Itália, 1942). Gravadora, pintora, escultora, artista multimídia e desenhista. Por meio de uma obra com viés político e provocadora, Maiolino investiga diferentes materiais e explora diversos meios de expressão, como a xilogravura, a fotografia, o filme, a instalação e a performance. Consolidou sua formação artística na América Latina após mudar-se para a Venezuela e, em 1960, para o Brasil. Na década de 1960, integrou a Nova Figuração e a Nova Objetividade Brasileira, usando a xilogravura com influência do cordel para abordar a política e a condição da mulher. Nos anos 1970, expandiu sua produção para o audiovisual — destacando-se com o premiado vídeo sobre censura *In-Out*, *Antropofagia* —, a poesia experimental e instalações performáticas marcantes, como *Entrevidas*. A partir dos anos 1980, focou na pintura e na escultura, passando a usar quase exclusivamente a argila em grandes instalações que valorizam o gesto manual e o corpo. Com uma obra multifacetada que investiga o próprio fazer artístico, Maiolino alcançou consagração internacional em eventos como a Documenta de Kassel.



Anna Maria Maiolino

Sem título, 1979

tapeçaria - assinada e datada no verso

100 x 100 cm



diana motta



Diana Motta (São Paulo, 1985) é uma artista visual cujo a prática faz referência à sua jornada espiritual por meio da astrologia e da filosofia da Cabala. Originalmente uma pintora figurativa, Motta direcionou sua pesquisa para a abstração ao começar a questionar a relação entre corpo e espírito. A transparência e a translucidez das cores em suas obras evocam o véu sutil que separa nossos corpos físicos do mundo espiritual. No jogo entre materialidade e técnica, ela encontra o contraste entre espiritualidade e sensualidade.





Diana Motta

Sem título, 2026

tinta a óleo e bastão oleoso sobre linho

180 x 180 cm



eva le champion



Eva Le Champion (1960) é uma renomada artista plástica contemporânea cuja produção artística reflete diretamente sua leitura da realidade, transformando suas dores, sentimentos e indignações em pintura. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal), ela construiu sua sólida bagagem artística por meio dos aprendizados na Fundação Pierre Chalita e de cursos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro. Sua trajetória foi fortemente moldada por duas grandes influências: seu tio, Pierre Chalita, que na infância lhe deu a base estrutural do desenho e da mistura de cores, e Delson Uchoa, pai de seus filhos, com quem aprendeu a trabalhar com a técnica da pintura acrílica.

Além de sua forte presença no campo das artes, Eva sempre manteve um profundo compromisso humanitário, dedicando-se desde cedo ao trabalho voluntário e filantrópico com dependentes químicos e jovens em situação de risco. Em 2016, sua sensibilidade artística e seu engajamento social foram amplamente reconhecidos com o Prêmio Camões Luso Brasileiro 2015/2016, uma homenagem aos seus mais de 30 anos de carreira e ao sucesso de sua exposição Moira, realizada no ano anterior. Para a artista, a arte funciona como uma ferramenta vital e funcional de comunicação, capaz de traduzir e expor o mundo ao seu redor.





Eva Le Campion

Húmus, 2022

acrílico sobre fotografia impressa em canvas

144 x 100 cm





Eva Le Campion

Concha Caramujo, 2019

barro cozido

34 x 20 x 28 cm



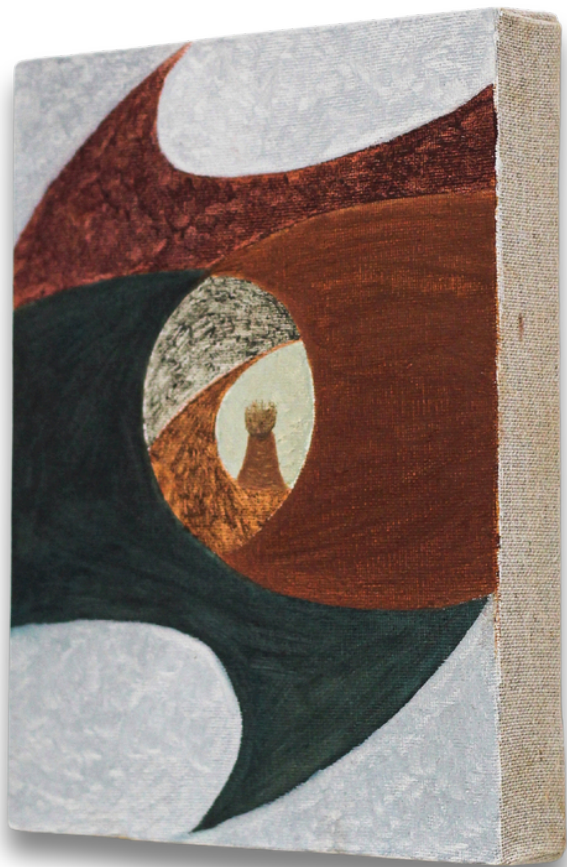
gi monteiro



A prática de Gi Monteiro (Fortaleza, 1997) transita entre desenho, pintura, tecido e escultura, articulando o escuro como um território poético e político de liberdade para corpos racializados e dissidentes de gênero. A partir de investigações que atravessam a terra, o tempo e o movimento, sua produção dialoga com o abstracionismo negro e travesti, mobilizando a opacidade, a matéria e o gesto como estratégias de construção de outras visualidades e imaginários.

Seu trabalho integra o acervo do Museu Nacional de Belas Artes. Participou de diversas exposições coletivas, entre elas “Delírio ardente” (CE, 2024), “Memória elementar” (CE, 2025), “76º Salão de Abril” (CE, 2025), “Antes do Brasil, o Nordeste” (RJ, 2025), “A4” (SP, 2025), e “Silêncio insondável” (PE, 2025). Em 2026, realizou sua primeira exposição individual, “Céu da boca da noite”, na Cave, participou do “77º Salão de Abril” e do projeto “Anímico” da Cave na SP-Arte.





Gi Monteiro

Vívica Cavidade, 2025

óleo sobre linho

25 x 20 cm





Gi Monteiro

Noturna Pulsão, 2025

óleo sobre linho

30 x 25 cm





Gi Monteiro

Porção de poeira, 2025

óleo sobre linho

30 x 25 cm

iole de freitas



A trajetória de Iole de Freitas (Belo Horizonte, 1945) começou a se desenhar no Rio de Janeiro, onde sua formação em dança contemporânea abriu as portas para a vanguarda. Após cursar design na Esdi, mudou-se em 1970 para Milão, atuando como designer na Olivetti e inserindo-se na efervescente cena artística europeia. Em 1986, recebeu a Bolsa Fulbright-Capes para pesquisar no MoMA, em Nova York, e, ao retornar ao Brasil, assumiu a direção do Instituto Nacional de Artes Plásticas da Funarte entre 1987 e 1989.

Sua obra é marcada pela investigação constante do corpo e do espaço. Nos anos 1970, unindo fotografia e filmes em Super-8, utilizou o próprio corpo de forma fragmentada para analisar gestos e movimentos. Na década de 1980, migrou para a escultura tridimensional, testando peso e gravidade com materiais como arames, panos e telas metálicas, culminando na emblemática série Aramões (1984). A partir dos anos 1990, sua produção tornou-se monumental e integrada à arquitetura em intervenções site-specific. Para dar fluidez a essa grande escala, passou a usar tubos de aço inox e placas translúcidas de policarbonato, criando formas sinuosas que desafiam o espaço e convidam o público à experiência corporal.



Iole de Freitas

Mobile, 2024

Aço Inox

37 x 34 x 30 cm

isabê



Isabê (Campo Grande, MS, 2001) é formada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e mestre pelo Programa de Estudos de Linguagens da UFMS. Realizou em Campo Grande as exposições individuais “Morrer é coisa de quem vive” (2022) no SESC Cultura e “Água Viva” (2023) na Galeria de Vidro, sendo a última premiada em primeiro lugar no Prêmio Ipê de Artes Visuais (SECTUR/CG). Participou de exposições coletivas como a 14º Bial Internacional de Curitiba e 19º e 20º Festival de Inverno de Bonito. Em 2021 recebe o Prêmio Arara Azul de Artes Visuais (FCMS) pelo desenvolvimento da pesquisa “Memórias do Fogo”, uma série de pinturas que aborda as queimadas no Pantanal, desdobrando no desenvolvimento de documentário homônimo. Pela UFMS participou do projeto “Pantanal Sounds”, em parceria com a Universidade de Harvard e apoiado pelo David Rockefeller Center for Latin American Studies. Em 2025 organiza juntamente com Paulo Agi a exposição “Estrada Longa” em São Paulo, no espaço Lapa, Lapa, reunindo 12 artistas da pintura do Centro Oeste.





Isabê

Barulho de ventilador, 2025

óleo sobre tela

140 x 153 cm



liuba wolf



A trajetória de LIUBA (Bulgária, 1923 – SP, Brasil, 2005) internacionalizou-se a partir de sua formação, entre 1944 e 1949, com a renomada escultora francesa Germaine Richier na Suíça e em Paris. Em 1949, a artista estabeleceu seu ateliê em São Paulo, passando a dividir sua vida e produção entre a capital paulista e a francesa a partir de 1958. LIUBA integrou com destaque o circuito nacional, participando de quatro edições da Bienal de São Paulo — sendo premiada na VII edição, em 1963 — e de seis edições do Panorama da Arte Brasileira do MAM/SP. Seu prestígio é chancelado por importantes coleções públicas globais, incluindo a Pinacoteca do Estado de São Paulo, o MAC/SP, o Fond National d'Art Contemporain de Paris e o Hakone Open Air Museum, no Japão. Sua obra é fundamentada em uma pesquisa atenciosa sobre o repertório formal das culturas ancestrais sul-americanas e dos mundos animal e vegetal, traduzida em esculturas de forte lógica construtiva que articulam cheios, vazios, linhas e forças. Explorando formas angulosas e enérgicas, a artista moldou um bestiário particular carregado de sentidos mágicos e trágicos. Sua produção também manifesta um profundo interesse na aproximação entre escultura e arquitetura; vertente consagrada em 1965, no IV centenário do Rio de Janeiro, quando seus "animais" foram expostos nos jardins do MAM/RJ, estabelecendo um diálogo orgânico com o edifício e fundindo-se à área verde como se retornassem ao seu habitat natural.



Liuba Wolf

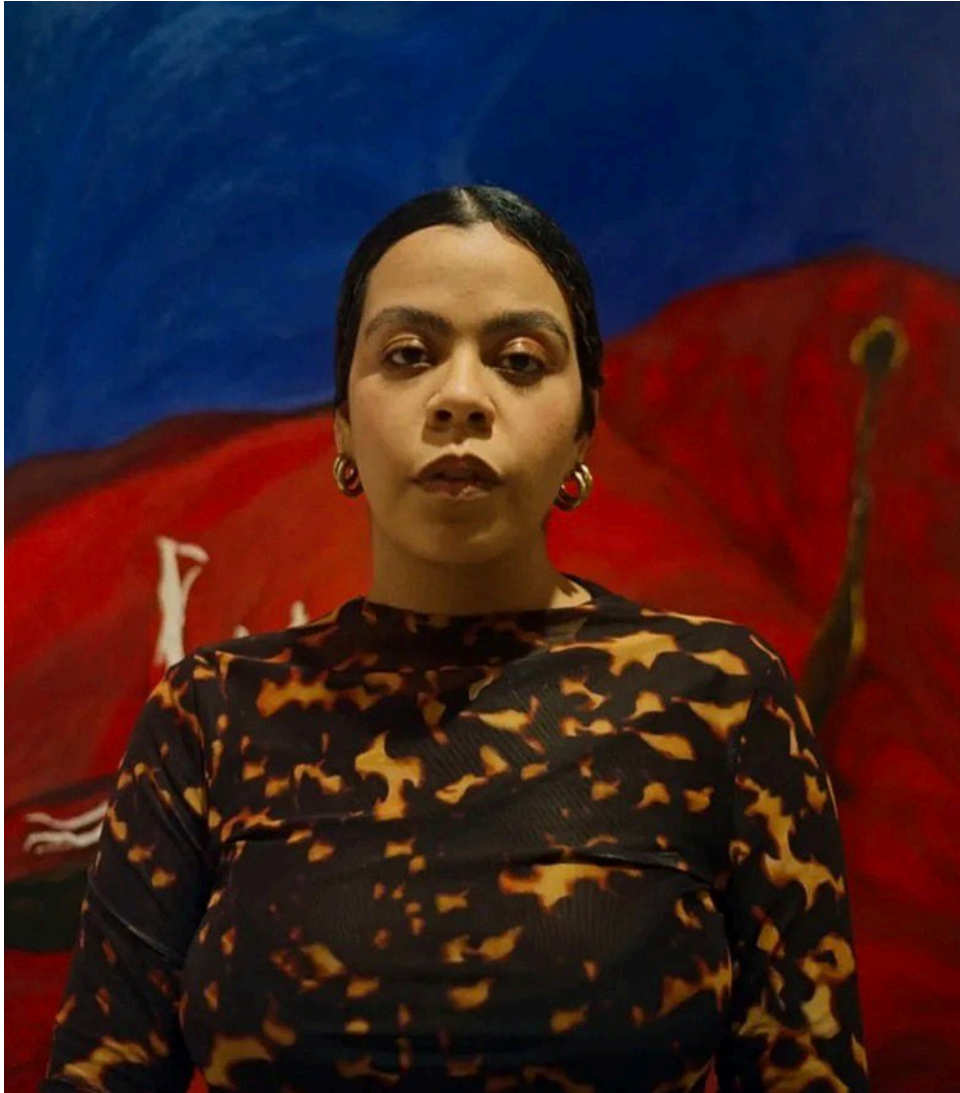
Sem título - ed. 75 / 250, década de 80

Escultura de bronze

26,5 x 9 x 6,5 cm

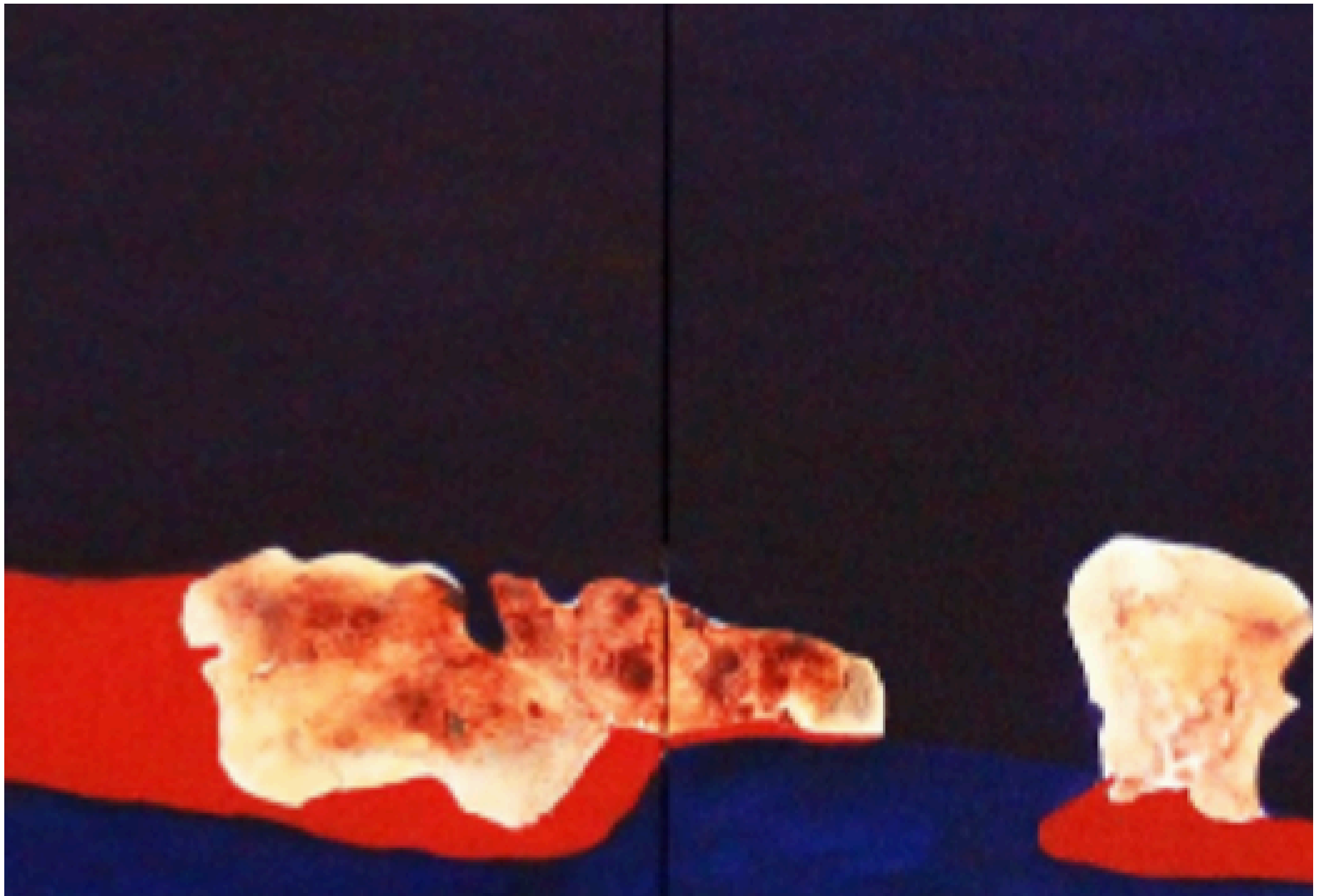


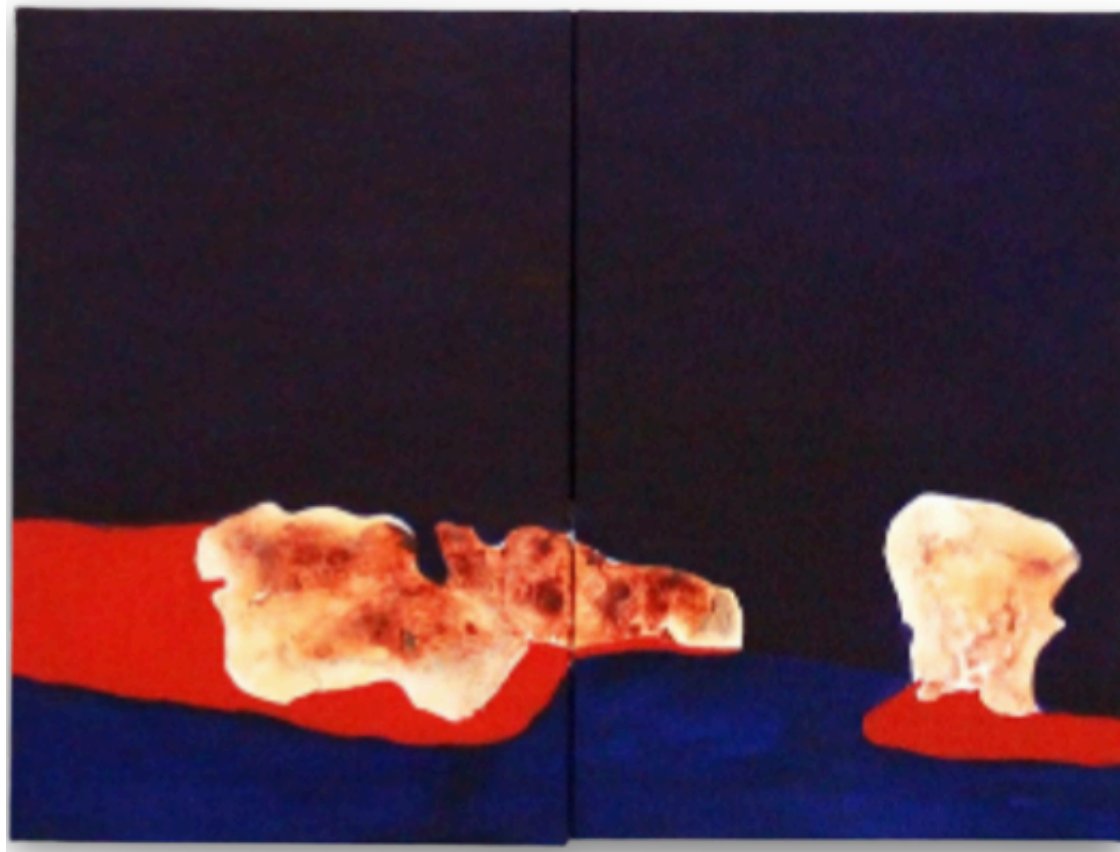
luara macari



A trajetória de Luara Macari (São Paulo, c. 2003) desenvolveu-se a partir de um ambiente familiar que sempre estimulou a escrita. Sua transição para as artes visuais ganhou corpo durante a graduação em Arquitetura na Escola da Cidade, em São Paulo, onde se aprofundou em história da arte. Um período de residência na casa artística Mirante Xique Xique, no sertão da Bahia, consolidou seu interesse pelas texturas minerais do chão e das pedras. Em 2025, impulsionada pelo edital do MAC-USP, realizou sua primeira exposição individual, intitulada Tudo Que Nasce Vermelho, despontando como uma das novas vozes no circuito artístico paulista.

Sua obra é fundamentada em um exercício contínuo de escuta e memória, articulando ancestralidade e espiritualidade. Combinando de forma experimental argila, carvão, fotografia analógica e tinta a óleo, Macari utiliza a monotipia para criar territórios cromáticos e táteis que desafiam os limites da pintura tradicional. Sua produção é atravessada pela cosmologia e mitologia iorubá, investigando os mitos de criação da Terra, a sensibilidade religiosa e as polaridades de energia, representadas pelo vigor pulsante do vermelho em oposição ao azul profundo. Ao tencionar essas subjetividades, seu gesto propõe-se como um ato de urgência política e reparação histórica no espaço institucional.





Luara Macari

Pedaço Suspenso II, da série Passadouro, 2026

óleo, grafite e argila sobre tela

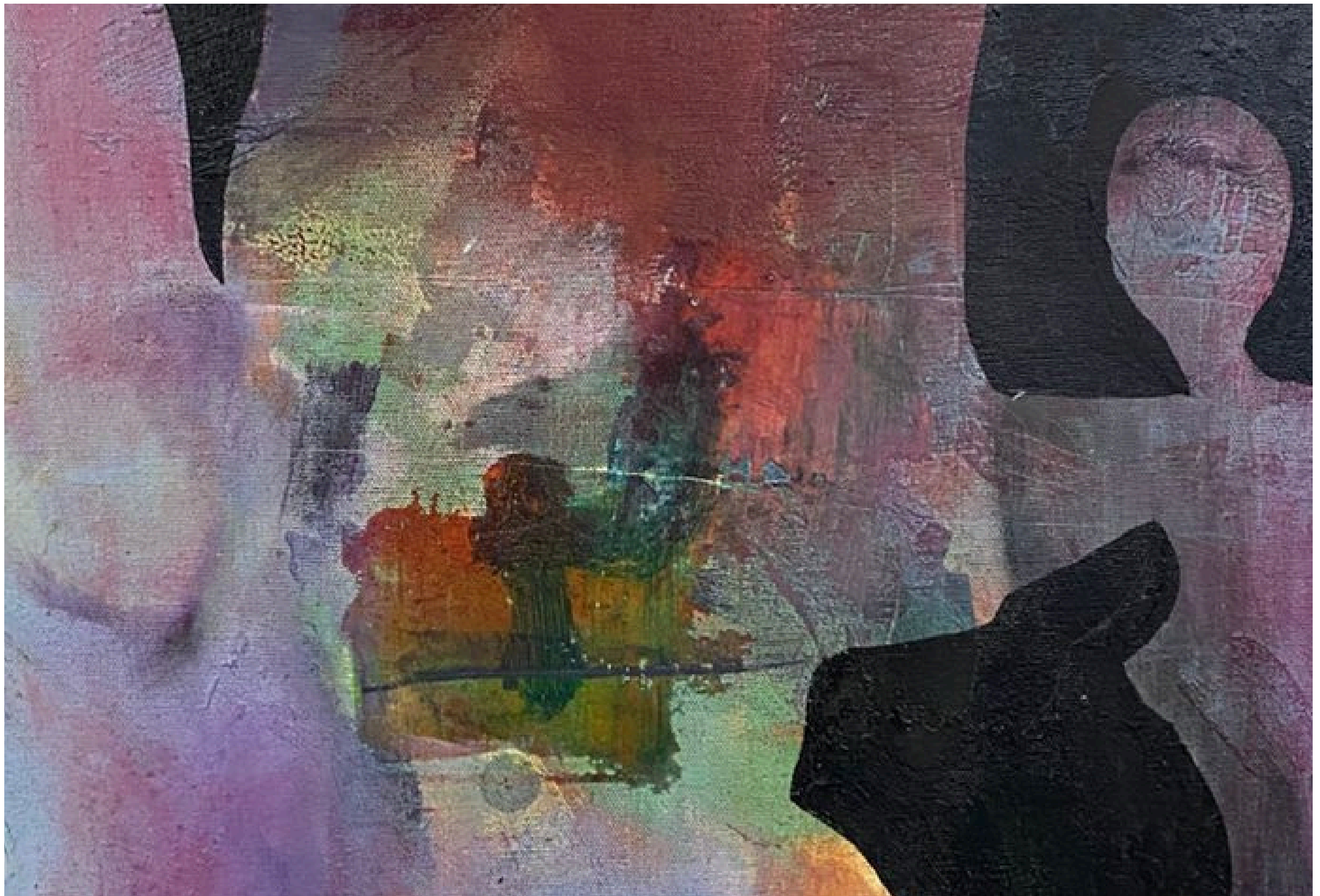
30 x 40 cm

R\$ 4.500

lucia koranyi



Lucia Koranyi (Rio de Janeiro, 1983) é uma artista cuja prática transita entre pintura, desenho e processos têxteis. Seu trabalho se estrutura a partir da repetição, do gesto e da materialidade, costurando memórias afetivas e referências da cultura popular brasileira com um olhar contemporâneo. Ao integrar técnicas manuais, pintura e reutilização de tecidos e objetos, Lucia constrói um vocabulário visual que transforma o afeto em forma e a criação artística em um gesto de cuidado.





Lucia Koranyi
Sem título, 2025
óleo sobre tela
50 x 50 cm



marlan cotrim



Marlan Cotrim, artista brasileira (1993) nascida na cidade de Goiânia – Goiás. Sua pesquisa e produção artística se debruçam sobre os conceitos de território, travessias, corpo, transmutação e processos de germinação. Hoje vive e trabalha na cidade do Recife – Pernambuco. Central para seu pensamento está a ideia do corpo como território onde as complexidades da sua corporeidade como pessoa trans se tornam elementos centrais de sua reflexão. Marlan Concebe o território não apenas como espaço físico, mas como locus de envolvimento e interação, onde a cartografia é inscrita no corpo.





Marlan Cotrim
11:40 AM, 2024
óleo sobre tela
20 x 20 cm

mavi accorsi



Mavi Accorsi (1998) é uma artista visual e educadora natural de Londrina, Paraná, radicada em São Paulo. Licenciada e bacharel em Artes Visuais pela FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), sua pesquisa investiga a criação como uma experiência ontológica de corpo e percepção, compreendendo a pintura como um organismo que se transforma através do gesto, da cor e da memória. Em sua prática, a artista prioriza a construção gradual das imagens, utilizando elementos figurativos fragmentados e formas instáveis para estabelecer narrativas abertas entre o íntimo e o performático. Sua trajetória no sistema da arte é marcada por participações sucessivas na Anual de Arte FAAP (2022 e 2023) no Museu de Arte Brasileira, além de exposições coletivas em espaços de relevância no centro de São Paulo, como o Edifício Lutetia, onde integrou as mostras "Corredeiras, afluentes e olhos d'água" (2024) e "é manhã, já foi noite" (2025). Em 2024, expandiu sua atuação institucional na mediação educativa para a exposição "Inflamação", de Anish Kapoor, na Casa Bradesco. Atualmente, a artista consolidou sua presença no mercado contemporâneo com a abertura de sua exposição individual, "Devaneio e embriaguez duma rapariga", no ORA.





Mavi Accorsi

figurativo do inominável, 2026

óleo sobre tela

40 x 40 cm

selva de carvalho



A trajetória de Selva de Carvalho (São Paulo, SP, 1986), identidade artística de Stephanie de Carvalho Klabin, iniciou-se com sua formação em Artes Plásticas pela FAAP, em 2009. Antes de se dedicar inteiramente às artes visuais, coordenou projetos de sustentabilidade e atuou na Amazônia desenvolvendo programas de conservação socioambiental junto a comunidades locais. Após um período dedicado à maternidade, iniciou formalmente sua produção artística em 2019, passando a integrar o grupo de orientação artística GOA. Participou de residência na Kaaysá e de importantes feiras como SP-Arte e ArtRio, além de mostras coletivas na Galeria Karla Osorio, Galeria Rabieh e Lamb Arts. Seu prestígio no circuito nacional foi chancelado pela aquisição de seu trabalho para a coleção pública do Museu de Arte do Rio (MAR). Sua obra é fundamentada na investigação da materialidade, da expressividade e dos devires de suportes como linhas, tecidos, papéis e palavras, tendo o desenho e o bordado como bases técnicas essenciais. Expandindo sua pesquisa para o campo tridimensional e para as artes do corpo através da performance, a artista explora as relações orgânicas, simbólicas e fantásticas entre corpos visíveis e invisíveis, humanos e não humanos. Sua poética carrega a bagagem de sua vivência socioambiental, tensionando as conexões entre a natureza, o fazer manual e a ancestralidade material para costurar novas narrativas na arte contemporânea.



Selva de Carvalho

Miradas Alem-mar, 2025

tecidos de lona e veludo, grafite, pastel seco e carvão

53 x 40 cm



tomie ohtake



A trajetória de Tomie Ohtake (Quioto, Japão, 1913 – São Paulo, Brasil, 2015) consolidou-se como um dos pilares da arte abstrata no país. Chegou ao Brasil em 1936 e, impedida de retornar devido à Segunda Guerra Mundial, fixou-se em São Paulo, iniciando sua produção artística de forma tardia, aos 39 anos. Naturalizada brasileira, participou de diversas edições da Bienal de São Paulo e conquistou projeção internacional com mostras na Bienal de Veneza e em Cuba. Sua vasta e longeva carreira, coroada com dezenas de prêmios, motivou a criação do instituto cultural que leva seu nome e hoje integra os acervos dos principais museus nacionais, como o MASP, o MAM-SP e a Pinacoteca de São Paulo.

Sua obra é marcada por uma pesquisa silenciosa sobre a cor, a forma e o espaço, transitando com maestria entre a pintura, a gravura e a escultura monumental. Após uma breve fase figurativa, mergulhou no abstracionismo, destacando-se nos anos 1960 com suas célebres "pinturas cegas", executadas com os olhos vendados. Nas décadas seguintes, explorou a pureza cromática e as formas orgânicas através da serigrafia e da litografia. Em sua maturidade, expandiu as linhas fluidas de suas telas para o campo tridimensional, criando esculturas públicas e monumentais em aço corten e concreto que transformaram de forma definitiva a paisagem urbana de São Paulo.



3/90

Tomie Ohtake
2003



Tomie Ohtake

Sem título - ed.10/90, 2008

gravura em metal

95 x 73 cm



ora.art
info@ora.art

ORA